

A rainha conta a el-rei a fugida do passarinho

Disse a rainha: saiba Vossa Magestade que venho aqui diante da real corôa, com essas nobillissimas matronas, saber a resposta da supplica que fizeram, para entrarem tambem ellas nos conselhos, negocios e exercicios, que se dão aos do grande senado; e, tendo-lhe Vossa Magestade mandado aquella bocetinha, com ordem expressa de a não abrirem por nenhum modo, e que a houvessem de trazer hoje, tal e qual como lhes foi entregue, uma, mais curiosa que as outras, desejando vêr o que se encerrava dentro, abrio-a, sem attender a outra cousa, e o passarinho fugio logo, e desse successo ficaram todas tão tristes e desconsoladas, que não ousavam levantar a cabeça, nem olhar para Vossa Magestade, pela grande vergonha, que têm, de haver desobedecido ao preceito real. Porém Vossa Magestade, que sempre foi benigno para com todos, ha de perdoar-lhes este erro que fizeram, não por violar a sua ordem, mas por um méro desejo e curiosidade, de que arrependidas e pezarosas pedem perdão a Vossa Magestade.

El-rei mostra-se muito enfadado, reprehende as mulheres, perdoa-lhes depois, mandando-as para suas casas.

Quando el-rei que outra cousa não desejava, ouviu o referido, se fingio irritado ao maior excesso; e, voltando-se para as mulheres, lhes disse. Com que vós deixastes fugir o passaro da caixinha, mulheres tolas, sem juizo? E como então tendes ousadia para pedir que se vos communicem os negocios dos conselhos secretos da minha côrte? Dizei-me como podereis ter em segredo uma cousa, naqual estivesse o interesse do meu Estado, e a vida dos homens, se uma só hora não pudestes ter fechada uma bocetinha, que com tantas instancias vos recommendei? Ora, ide cuidar dos vossos exercicios, das vossas familias, e não do governo

das cidades. Sem duvida que todas as cousas levariam bom caminho, se passassem pelas vossas mãos; porque qualquer segredo, por mais importante que fosse, em menos de meia hora se saberia por toda a cidade. Ora ide-vos, que eu vos perdôo, cuidai do que vos pertence, e não entreis outra vez em semelhante frenesi. Despedio-se depois da rainha, fazendo-a acompanhar por muitos cavalheiros até ao seu quarto. Desta fórma se foram aquella desconsoladas mulheres, cada uma mal contente de si mesma, e nunca mais tornaram a fallar em que as admittissem a conselheiras e consultoras; pois que el-rei as tinha consultado por uma vez, mediante astucia do subtil Bertoldo, a quem depois disse el-rei, rindo-se:

Rei. — Melhor invenção que esta não podias achar, meu Bertoldo, e sahio ás mil maravilhas.

Bertoldo. — Bem vai a cabra côxa, enquanto não tópa o lobo.

R. — Porque dizes tu isto?

B. — Porque mulher, agua e fogo, em toda parte acham lugar sem grande rogo.

R. — Quem se senta na ortiga, muitas vezes lhe pica como formiga.

B. — Quem cospe contra o vento, o cuspo lhe cae na cara.

R. — Quem mija sobre a neve, por força se ha de vêr a ourina.

B. — Quem lava a cabeça ao burro perde o trabalho, e tambem perde o sabão.

R. — Por ventura dizes tu isto a meu respeito?

B. — Sem duvida, que só a teu respeito, e não de outrem fallo.

R. — É que motivo tens tu de queixa contra mim?

B. — É que motivo tenho de dizer bem?

R. — Mas dize-me que offensas tens recebido de mim?

B. — Eu cooperei para negocio de tanta importancia; e tu, em lugar de assegurar-me a vida, me estás logrando.

R. — Eu não sou tão ingrato que não conheça os teus merecimentos.

B. — O conhecê-los é pouco, o tudo é remunerá-los.

R. — Cala-te que eu quero remunerar-te de fórma que fiques a pés iguaes.

B. — Tambem aquelles que são enforcados ficam a pés iguaes.

R. — Tu interpretas todas as cousas ás avessas.

B. — Quem diz mal, quasi sempre adivinha.

R. — Tu não dizes mal, mas fazes tambem mal.

B. — Que mal tenho eu feito na tua côrte?

R. — Tu não usas nenhuma sorte de cortezia, nem de boa criação.

B. — Que te importa a ti, se eu sou malcriado, ou mal acostumado?

R. — Muito me importa, porque para commigo te has sempre havido como um vilão ruim.

B. — Qual é o motivo?

R. — Porque quando tu vens á minha presença, nunca tiras o chapéo, nem abaixas a cabeça.

B. — Um homem não deve abaixar a cabeça a outro homem.

R. — Deve usar a cortezia e a reverencia, segundo a qualidade dos homens.

B. — Todos somos de terra; tu és de terra, eu sou de terra, todos nós havemos de nos tornar em terra; e assim a terra não deve reverenciar a outra terra.

R. — Tu dizes bem, que todos somos de terra; porém entre a mesma terra ha muitas differenças: supõe tu que a differença que ha entre nós ambos, é a mesma que ha entre dous vasos, dos quaes sendo um de maior estimação, serve para ter licôres preciosos e cheirosos, e, outro, que é mais ordinario, serve para exercicios vis e despreziveis; e desta fórma sendo eu como um daquelles que têm balsamo e licores, dos mais preciosos e odoriferos, e tu um daquelles em que fazem ainda outras cousas muito peores, são comtudo fabricados pela mesma mão e da mesma terra.

B. — Eu não te nego isto, mas sim te digo que tão quebradiço é um como outro; e quando ambos estão quebrados, deitam-se os pedaços pelas ruas, não se fazendo distincção nenhuma de uns e nem de outros.

R. — Ora, seja como fôr, eu quero que abaixes a cabeça.

B. — Eu não o posso, fazer tem paciencia.

R. — Por qué não o podes fazer?

B. — Porque eu tenho pernas de salsa, por isso não quero quebral-as, quando fôr a baixar-me.

R. — Ah! villão ruim, eu quero que contra tua vontade, me faças reverencia, quando vieres á minha presença.

B. — Olha, tudo póde ser, mas a mim custa-me muito a crel-o.

R. — Isso se verá amanhã, vai-te esta noite para casa, e veremos quem vence.

El-rei faz abaixar a porta da sua camara, por onde Bertoldo devia entrar, para que por força se inclinasse a fazer-lhe venia quando fosse a passar.

Logo que Bertoldo se foi, fez el-rei abaixar a porta da sua camara, de certo modo que quem passasse por ella havia de forçosamente abaixar a cabeça, e para que desta fórma quando Bertoldo quizesse entrar por ella no dia seguinte, fizesse a venia a seu pezar. Nesta certeza estava esperando com impaciencia o dia para vêr o effeito desta cousa.

Astucia de Bertoldo para não fazer venia a el-rei

Na manhã seguinte o astuto Bertoldo não deixou de ir ao Paço como costumava; e, vendo á porta da camara d'el-rei abaixada daquella sorte, logo suppoz com malicia que elle a tivesse mandado assim fazer para que ao entrar por ella, lhe fizesse venia, abaixando a cabeça; mas Bertoldo, em lugar de passar pela porta direito, e fazer reverencia a el-rei, lhe voltou as cos-

tas, entrando assim para o honrar, e reverenciar com as faces do az de copas. Então sim, que el-rei conheceu ser este homem o principe da astucia; estimou muito no intimo esta graça; porém, comtudo isto, fazendo demonstração de a levar a mal, lhe disse:

Rei. — Quem te ensinou, villão ruim, a entrar desta fôrma nas camaras reaes?

Bertoldo. — O caranguejo.

R. — Como te ensinou o caranguejo? Certamente escolheste bom bordão para te encostar.

Fabula do caranguejo e a lagosta, contada por Bertoldo

Bertoldo. — E' necessario saberes que meu pai teve dez filhos, e era pobre, como o sou tambm eu: e porque muitas vezes não havia pão para ceiar, e mandarnos satisfeitos para a cama, costumava contar-nos alguma fabula, e no emtanto nós iamos adormecendo, passando muitas vezes assim até a manhã. Entre outras, que lhe ouvi contar, ficou-me uma na memoria, a qual, se quizeres ter paciencia de ouvir, não deixarás de ter gosto nella, e é muito adequada ao nosso proposito.

Rei. — Dize, dize, que terei summo gosto de ouvir-te.

B. — Dizia meu pai que, quando os animaes fallavam, e que as cotovias faziam capinhas, o caranguejo e a lagosta, que eram muito amigos, se dispuzeram a ir pelo mundo, para vêr como se vivia nas outras terras: o caranguejo então andava para diante, como os outros' animaes, e a lagosta não ia de ilharga, como agora faz. Ora, estes sahiram de casa de seus pais, e depois de andarem muito tempo correndo mundo, chegaram ao reino das cavallas: passaram dahi ao dos lagartos, que confina com o d'el-rei dos macacos; e assim rodeando grande parte deste orbe, viram muitas differentes cerimoniaes, costumes, e ritos entre aquelles pequenos animaes. Finalmente se acharam no reino dos saguins, mas já era noite; e como entre este e as doninhas havia grandes guerras por serem confinantes e uma nova suspeita de traição tinha posto em armas uma e outra potencia, logo

que foram chegados os nossos dous companheiros áquelle lugar, conheceram os guardas que eram estrangeiros, e os tomaram por dous espiões, prendendo-os logo de pés e mãos, e os levaram diante do seu capitão, o qual, fazendo-os examinar com grande exacção, não achou nelles outra curiosidade mais que o desejo de verem o mundo, e que por isso tinham alli chegado; que, sendo estrangeiros, não podiam ser informados do que se passava; e assim desejavam que lhes fosse concedida a liberdade, para voltarem ás suas patrias, ou tambem se lhes quizessem assentar praça de soldados, dando-lhes o soldo como aos demais os serviriam naquella guerra com toda a fidelidade.

Ouvindo isto, o capitão logo os fez desatar, e, parecendo-lhe que eram animaes capazes de qualquer facção, por terem tantos braços e tantas pernas, os accitou assentando-lhes praça. Dahi, não muitos dias, succedeu que o caranguejo foi mandado ao campo inimigo, para observar com toda a cautela o que se fazia nelle. Como esta casta de animal não era conhecida naquellas terras, e elle caminhava com grande silencio, cobrindo-se muitas vezes debaixo da sua concha, estavam certos que não seria descoberto com tanta facilidade; e assim elle foi animosamente ao campo dos inimigos, onde, achando que as guardas avançadas dormiam, passou mais adiante, até que chegou ao pavilhão do rei das doninhas, cuidando que nelle estivessem tambem dormindo; mas o pobre teve tambem pouca fortuna, porque lá estavam accordados, jogando o truco e bilhar; e assim que deitou a cabeça de dentro, foi logo visto por um daquelles soldados, o qual passo a passo se levantou de jogar, em fórma que o desgraçado caranguejo não o advertio, e tomando um pau lhe atirou com elle, e acertando-lhe directamente na cabeça, atordoou-o de maneira que quasi parecia morto; e se não tivesse o abrigo das suas costumadas armas, para debaixo dellas se recolher, lhe saltariam os miolos fóra. Aquelle que o ferio, não sabendo que fosse espião, e só cuidando que alli tivesse chegado por acaso, pois não tinha cara de espião, julgando que o tivesse mor-

to, o tomou pelos cornos, e o deitou em um fosso e tornou ao seu jogo.

Ora, no entanto, tendo tornado a si o miseravel caranguejo, e não podendo levantar a cabeça, por causa da grande pancada que tinha recebido, jurou que nunca mais queria entrar com a cabeça para diante em nenhuma parte, mas sim caminhar para trás afim de que, se alguma vez lhe tornassem a fazer daquellas esmolás, as accitasse mais depressa com o espinhaço, do que com a cabeça. Neste estado voltando ao campo, deu relação de quanto lhe tinha acontecido, e de estarem os primeiros guardas dormindo, mas que no pavilhão real estavam levantados; o que ouvido pelo capitão, deu as necessarias ordens promptamente, para que sem demora, e com o maior silencio se armassem os esquadrões com os quaes deu de repente sobre o inimigo, e vencendo com pouca resistencia as primeiras linhas, chegou ao pavilhão real, onde matou quantos nelle se achavam, fazendo a vingança da pancada, que deram no caranguejo, o qual para que lhe não succedesse outra semelhante historia disse á lagosta: Vamo-nos daqui, porque a guerra não é boa para nós. E como fugiremos (disse a lagosta) de fórma que não sejamos vistos, ou descobertas as nossas pé-gadas? Tu caminharás de ilharga (respondeu o caranguejo) e eu para trás, e assim nos veremos livres.

Agradou a proposição á lagosta, e, levantando-se logo nas pontas dos pés, com toda a gentileza se pôz em caminho aos saltos, e ia tão depressa, que o caranguejo com muito trabalho podia alcançal-a. Desta sorte sahiram do campo, aonda nunca se soube para onde aquelles animaes tivessem ido; pois a extravagancia do seu andar lhes não deixara signal algum de o conhecerem; com que chegaram ás suas casas, e por causa dos perigos, em que se tinham visto, deixaram no seu testamento que todos os seus successores houvessem de caminhar sempre na conformidade que elles fizeram no voltar para suas casas. Até o dia de hoje se vê que o caranguejo anda para trás, e a lagosta de ilharga; e porque o caranguejo teve aquelle carolo na cabeça, quando a metteu dentro do

pavilhão, eu sempre me lembrei delle, e por isso entrei de costas, quando passei por aquella porta, para vir á tua presença, porque melhor é levar a pancada no trazeiro, do que na cabeça. Que me dizes agora? não é bonita esta fabula?

R. — Sem duvida que é, e foste um grande homem. Ora vai para casa, e amanhã, torna vir, mas de sorte que eu te veja, e te não veja; e traze-me a horta, a estrebaria e o moinho.

B. — Ora adivinhem lá esta mastigada! Emfim, eu irei e procurarei fazer o que souber.

Astucias de Bertoldo para apparecer diante de el-rei na fórma que lhe ordenou

No dia seguinte, mandou Bertoldo fazer por sua mãe uma torta de acelgas bem untada com manteiga, queijo e bastante requeijão; tomou depois um crivo, que pôz por diante do rosto, e com a torta na mão foi á presença de el-rei, o qual, vendo-o apparecer daquella fórma não podes suster o riso e lhe disse:

Rei. — Que significa este crivo, que tens diante do rosto?

Bertoldo. — Não me ordenaste que viesse á tua presença, em modo que me visses e não visses?

R. — E' verdade que assim t'ordenei.

B. — Eis aqui, logo que, estando por detraz dos buracos deste crivo podes vêr-me, e não podes vêr-me.

R. Ora és um homem de grande engenho; mas onde está a horta, a estrebaria, e o moinho, que te disse trouxesses?

B. — Aqui está esta torta, na qual estão infundidas todas as tres cousas a saber: na acelga está a significação da horta; no queijo manteiga e requeijão se denota a estrebaria; e na farinha o moinho.

R. — Eu nunca vi, nem pratiquei mais agudo entendimento do que o teu. Ora, pois, serve-te da minha côrte em tudo o que te fôr necessario.

Graças de Bertoldo

Ouvindo Bertoldo este offerecimento, que el-rei lhe fez, afastando-se alguma cousa delle para a parte de onde os cavalheiros lhe faziam côrte, desabotoou os calções, mostrando querer fazer uma necessidade corporal; o que visto por el-rei, se pôz a gritar, dizendo :

Rei. — Que queres fazer, animal ?

Bertoldo. — Não me dizes tu que me posso servir da tua côrte em tudo que me fôr necessario ?

R. — Disse, não ha duvida; mas que acção é essa ?

B. — Eu logo quero servir-me della para descarregar um certo peso que tenho na barriga, o qual me dá tanto detrimento, que já o não posso ter.

Neste tempo um daquelles guardas de el-rei, levantando um bastão, queria dar-lhe com elle, dizendo-lhe bruto, porco, vai á estrebaria, aonde vão as bestas como tu, e não sejas tão atrevido em fazer semelhante porcaria na presença real, se não queres que te apalpe as costellas com este pau. Então Bertoldo, voltando-se para elle, lhe disse: Devagar amigo, devagar ! Não te mettas a ser cuidadoso aonde não te chamam; não sabes tu que as moscas, as quaes verás, que andam pelas cabeças dos tinhosos e por outros lugares ainda peiores, andam tambem sobre as mesas reaes, e fazem muitas vezes seus feitos nos pratos onde comem os principes ? Logo, porque não hei de fazer as minhas necessidades no chão, que é a cousa sem a qual não se póde passar, quando el-rei, mesmo me disse que podia servir-me da sua côrte em tudo que me fosse necessario ? É qual maior urgencia podia eu ter de servir-me della senão para este effeito ? El-rei que entendeu a metaphora de Bertoldo, e gostara muito daquella graça, tirou do dedo um anel de grande valor, que lhe entregou dizendo: Ora toma, meu Bertoldo, este anel, que só tu o mereces; e vós, ó thesoureiro, trazei-me aqui logo mil patacas que lh'as quero dar.

B. — Eu não quero que me interrompas o meu somno.

R. — Porque ?

B. — Porque se eu tivesse esse anel e tanto dinheiro, não poderia ter socego, nem repousar, parafusando pelo sentido continuamente em que o havia de empregar; e assim nunca teria quietação; além de que, ouvirias dizer muitas vezes que quem o alheio toma vende-se a si mesmo; a natureza me produziu livre, e livre quero conservar-me.

R. — Que posso fazer eu pois, para te premiar ?

B. — Muito bem paga quem conhece o beneficio.

R. — Não basta conhecê-lo sómente, mas é necessario tambem remunerar-o.

B. — O bom animo é pontual pagamento do homem de bem.

R. — Não deve o superior ceder em cortezia ao menor.

B. — Não deve o menor receber cousa que seja superior ao seu merecimento.

A rainha manda novamente pedir Bertoldo a el-rei

Emquanto estavam nestas porfias, chegou outro criado da rainha com uma carta, a qual continha que el-rei lhe mandasse outra vez Bertoldo por todos os modos; pois, achando-se ella algum tanto molestada, queria passar o tempo com as suas graças; mas isto era tudo pelo contrario, porque o seu verdadeiro intento era fazer-lhe tirar a vida, depois que lhe chegou a noticia de ter sido por concerto seu que aquellas fidalgas tinham recebido aquella reprehensão de el-rei; pelo que lhe tinham tal raiva, que, se o pudessem colher ás mãos, o lapidariam. Lendo el-rei a carta, e dando fé ao que nella lhe escrevia a rainha, disse a Bertoldo:

Rei. — A rainha te manda chamar outra vez, porque, estando alguma cousa indisposta, quer que a vás divertir e fazer-lhe passar a melancholia com as tuas graças.